
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DENTRO DA CRÍTICA VELOZ: A HISTORIOGRAFIA CRÍTICA ANOTADA DE FERREIRA GULLAR¹

Roberto Dutra Junior
(PUC-RJ)

RESUMO: O presente artigo aborda a produção crítica disponibilizada pelo sítio oficial de Ferreira Gullar na *World Wide Web*. Analisa o teor da crítica colecionada pelo autor ao longo dos anos sob uma ótica crítica e historiográfica, procurando documentar e depreender valor aos textos analisados a fim de registrar a trajetória da crítica selecionada.

PALAVRAS-CHAVE: Ferreira Gullar – Crítica – Historiografia.

Compor uma historiografia, fazer um traçado no curso temporal, compor uma história, montar um recorte, balizar uma vida. Um terreno muito passível de discussão, mas não impossível de ser trilhado. Uma historiografia quer antes de qualquer coisa destacar momentos importantes no curso temporal de uma pessoa ou lugar ou ainda de uma obra. O estudo histórico e crítico acerca da história ou dos historiadores é o que compõe a historiografia. Onde dissemos discutível no início, agora o colocamos já em discussão, pois, uma historiografia precisa entender com clareza seus objetos e seus recortes. Desta maneira possibilitando a compreensão da importância do ponto de vista que é por ela oferecido. Nas palavras do crítico Gilberto Mendonça Teles, em sua “Introdução a uma filosofia da História Literária”: “É o sentido (a intenção), a organização e a natureza do processo de enunciação que determinam se o discurso é literário, científico e filosófico” (TELES, 1978, p. 11). Este e outros princípios expostos nesse ensaio fundador serão aplicados aqui.

Decerto, o que a nós se apresenta na expectativa de uma historiografia é uma metodologia, que pode definir-se pelo quem selecionaremos, por que selecionaremos e como trataremos o nosso objeto de estudo. Procedimentos

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

imperativos para determinar a natureza científica do discurso que queremos impor a nosso texto. No caminho de uma metodologia, determinar o objeto de estudo e a abrangência do último é o passo inicial na construção do *corpus* historiográfico.

Uma historiografia crítica de um autor deve abranger toda a sua fortuna crítica, oferecendo um apanhado, crítico se lhe aprouver, de como essa crítica progrediu em paralelo à obra que ela acompanha. Ou seja, contemplar a crítica sobre a obra, também criticamente, oferecendo uma análise do seu conteúdo e de seus métodos organizacionais e seu discurso de convencimento. Fica já estabelecida a impossibilidade de uma imparcialidade, por mais que seja perseguido o ideal da crítica branca, ou seja, uma crítica sem o peso da personalidade da escolha, este esmaece no paradoxo inicial de um crítico preferir resenhar um artista a outro. A fundação de seu texto já transpira para nós uma predileção, independente da obra em si apresentar um valor orgânico no plano geral da História da Arte ou não. A seleção de artigos críticos para este ensaio baseia-se fundamentalmente naquela oferecida no sítio oficial do poeta, que disponibiliza além de uma cronologia sobre sua crítica, uma seleta dos textos. Vamos analisar justamente esta seleta e como ela se constitui no decorrer da história crítica que se formou em torno da obra do autor maranhense. Entretanto, há que se ressaltar que o sítio de Ferreira Gullar na *world wide web* apresenta-se como uma fonte diferenciada e daí sua importância. Lançado em 2000, no endereço http://portalliterat.terra.com.br/ferreira_gullar/, o sítio é uma referência dentro da obra de Ferreira Gullar pois o próprio autor utiliza-se dele para sua escrita. Poderíamos considerar esta fonte como uma antologia crítica online da obra de Ferreira Gullar. Sua bibliografia, sua crítica e sua iconografia aparece listada no sítio. Outra particularidade desse meio midiático é que experiências poéticas do autor no campo da espacialidade do texto poético tornaram-se mais viáveis através de programas, permitindo que o autor tenha seu poema “animado” para a sua versão online. Além de incluir uma área onde o poeta implementa, com a regularidade que lhe convém, seus textos e comentários mais recentes.

Assim sendo, passemos ao levantamento do conteúdo crítico disponibilizado pelo sítio. Veremos que o conjunto de seus autores é bem heterogêneo, composto por poetas jornalistas, professores universitários e críticos literários. Composto muitas vezes de resenhas sobre seus livros, o material destaca-se por uma característica comum: um balanço crítico não apenas da obra abordada, mas da trajetória do poeta é sempre utilizado como parte do discurso de cada autor. Vamos nos utilizar desse “gancho” para também, e parcialmente, por em evidência momentos da biografia literária do poeta maranhense.

Vinícius de Moraes escreve “Poema sujo de vida”, publicado na revista *Manchete* em 1976 sobre o *poema Sujo* de Ferreira Gullar, que foi publicado naquele mesmo ano sem a presença do poeta, ainda exilado e morando em Buenos Aires. Vinícius, o poetinha, começa seu artigo com um longo panorama da música brasileira naquele momento. Faz um elogio inicial que procura incluir todos os mais afinados músicos e compositores que estão em voga e nos despista por instantes: sobre música ou poesia versará o artigo do poeta? Questão sem resposta ainda mais adiante pois sobre outras artes, como a pintura e a dramaturgia, o poeta também tece seu breve comentário e exerce sua voz crítica. Aquele tipo de crítica mais sutil, a menção, que não aprofunda análises, mas deixa em nós uma pequena ponta de curiosidade que germina mais tarde numa influência que certamente vai nos mover de nossas cadeiras par verificar se partilharemos a mesma opinião de nosso influenciador.

Vinícius abre sua fala crítica e analítica a respeito do *Poema Sujo* de Ferreira Gullar a partir da narração brevíssima de um caso ocorrido em volta dele e que teria causado certo espanto: o desconhecimento do nome de Ferreira Gullar por uma pessoa jovem da época. Uma crítica sutil à sua época vai por aí. O que demonstra um estilo peculiar aos escritores, que tomam justamente a sutileza como técnica para chamar a atenção do leitor para coisas que são inferidas de algum julgamento de valor pelo autor, ou que apenas deveriam ser mais notadas. Em ambos os casos é de se notar que o que importa é que uma opinião, uma valoração, ou julgamento é induzido no leitor pelo autor. Assim, o que inicialmente pensávamos ser um texto de caráter exclusivamente jornalístico e com aquele tom de conversa e personalidade que são peculiares a um escritor de renome que ocupa uma coluna em um periódico, eis que temos o poetinha analisando de uma maneira muito crítica e competente a produção de Gullar. Apesar de render-lhe elogios rasgados, como ao dizer tratar-se “de um dos mais importantes poemas deste meio-século”, Vinícius não se perde em afirmações não fundamentadas. Analisa o conteúdo imagético e formal do poema para mostrar que Gullar produziu uma obra que pode ser dita realmente importante no curso da História da Literatura Brasileira. Uma obra que funda e avança conceitos no caráter constitutivo da literatura de um país, sendo um marco não apenas na evolução do autor como artista. Nas palavras de Vinícius:

E assim segue o poeta de plena posse de seus dons e de sua semântica, adulto, perfeitamente integrado em sua cosmogonia, num belo e terrível vôo ubíquo, vendo o de for a e o íntimo das pessoas e situações ao mesmo tempo em que analisa a diversidade ...equilíbrio do binômio forma-conteúdo ... sentir com que naturalidade o poeta deu o salto qualitativo implícito no

poema e com que paciente coragem esperou que sua experiência como homem e como poeta nele encontrassem seu extraordinário superávit.

Em 1977, em contribuição à *Folha da Manhã*, Glauber Rocha escreve um artigo que poderíamos dizer no mínimo incendiário sobre Ferreira Gullar. Sem caráter crítico ou analítico, Glauber, na verdade escreve algo de inestimável valor como um depoimento histórico de um momento crítico e de transição que passava a cultura brasileira. O *Poema Sujo* de Gullar é apenas a ponta da lança do texto de Glauber Rocha. O artigo, com o título de “Gullar” encontra-se dividido em seções que parecem como que alardes dentro de seu texto que ao mesmo tempo é sintético e fragmentário, pois conta-nos os fatos tão rapidamente quanto cortes cinematográficos. Estas seções seguem-se: LUTA CORPORAL, ARTES PLASTICAS, ARTES PLÁSTICAS, CONCRETISMO, CABRA MARCADO PARA MORRER, OPINIÃO, OPINIÃO OU LIBERDADE, CULTURA POSTA EM QUESTÃO e ULYSSES. Ao longo delas vemos a memória de quando José Carlos de Oliveira encontra Glauber Rocha num bar no Leblon e chama-o para mostrar-lhe os originais do *Poema Sujo*. Adiante comenta sobre *A luta corporal* de Gullar e como o poeta consegue “penetrar no espaço nuclear do palavrão – Roçzeiral – autofagia e Renascença.” Lembra como Gullar e Reynaldo Jardim criaram o “Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*” e depois as rupturas (com o Concretismo, por exemplo) que culminariam com a participação de Ferreira Gullar na criação do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Também comenta sobre um encontro curioso com Paulo Francis que quando os dois tecem comentários sobre a natureza mutante de Ferreira Gullar, o que em 1964 já teria garantido ao poeta maranhense uma merecida capacidade de renascimento, sempre reavaliando e renovando o curso de sua obra. Glauber chama a nossa atenção para a importância de alguém como Gullar questionando e criticando a cultura através de ensaios. Glauber chega a afirmar que “os ensaios de Ferreira Gullar sobre ARTE ...são os mais importantes publicados no Terceiro Mundo”, e alerta que os livros de crítica de Gullar não foram bem recebidos em 1968. Por fim, o cineasta conta da vez que ouviu os primeiros versos do *Poema Sujo*, com Vinícius de Moraes, em Paris, e compara-os a Mallarmé. Sendo o poema de Gullar o próprio romanceiro concretista, segundo o cineasta, que emocionado, concorda com Vinícius com o fato de que a poesia não havia morrido, como corriam nos boatos da época.

Rubem Braga rende a Ferreira Gullar uma resenha, publicada na revista *Veja*, em 1977. Com o título de “As marés de Gullar” o cronista fala do livro *Antologia poética*, publicado em 1977 pela Editora Summus. Sem se

aprofundar, pois o espaço de uma resenha não permite muita profundidade textual e nem esse é seu objetivo. Rubem Braga nos situa no que a obra representa naquele momento da obra de Gullar. Em outras palavras, não muito, ou o que toda antologia parece e deve ser: um apanhado do melhor ao longo dos anos, do que é a obra de determinado artista. Parece que Rubem não resiste ao peso da obra de Gullar e acaba comentando outras duas obras significativas. Rubem Braga, indiretamente, diz que outros dois livros marcaram o quadro da literatura nacional quando publicados. Na sua referência a *Poemas*, de 1958 e ao *Poema Sujo*, fica patente que tais obras na sua opinião deixaram uma marca profunda no quadro da Literatura Brasileira.

Contudo, o mais pitoresco, saboroso, diríamos, no texto de Rubem Braga fica por conta de seu comentário final a um poema que o cronista omite o nome. Num irônico comentário final sobre o poema de um sujeito que espera encontrar uma mulher em Copacabana que Rubem Braga acaba por achar de uma patetice tal – e uso palavra do próprio Rubem – que se parece com a sua própria vida. Não cabe aqui julgar a intencionalidade, ou não, da omissão. Sabemos que a menção é ao poema “Pela Rua”, que foi publicado em *Dentro da noite veloz*, de 1975. Certos comentários podem dizer tanto quanto uma crítica rigorosamente analítica. Harold Bloom disse em um de seus livros que a crítica tinha um caráter poético no seu estilo de metalinguagem, diante da síntese e do estilo refinado de um Rubem Braga podemos logo dar autenticidade ao crítico americano.

Com um ensaio chamado “Um rubi no umbigo” (homônimo da peça de Ferreira Gullar), publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, Hélio Pellegrino analisa profundamente os elementos psicanalíticos que envolvem a peça de Ferreira Gullar. Publicado em 1979, o ensaio apresenta detalhadamente o argumento da peça, oferecendo ao leitor uma visão geral do desenrolar da trama e de todos os seus personagens. Exemplo perfeito de uma crítica bem referenciada que mostra que o autor precisa se esforçar muito para construir suas referências ao longo de seu texto. Outrossim, também o crítico precisa ser um conhecedor não apenas das referências do passado, mas de seu próprio ofício para construir uma análise competente. É preciso conhecer elementos da obra e elementos externos à obra. A inteligência e a maestria do crítico mostra-nos como esses elementos têm poder de relacionar-se na obra e mesmo em nossa recepção da obra. O texto do ensaio “Um rubi no umbigo” de Hélio Pellegrino, por traçar de forma clara e contundente as relações edípicas que cercam a trama da peça de Gullar, torna-se uma peça fundante e fundamental, no sentido de que, poderia ser usada como exemplo para o aprendizado do ofício de crítico. Sem render-se a elogios ou enaltecimentos ao autor Pellegrino monta seu texto calçado exclusivamente das influências que percebe saltarem da obra. Assim sendo, o texto crítico

não prescinde de uma opinião mais pessoal. Mostra por uma linha de pensamento lógica que em determinada obra determinado grupo de valores podem ser encontrados em uma das suas possibilidades de recepção. Fica ao cargo do público o veredicto maniqueísta. Este talvez seja um dos maiores méritos e indulgências à obra de Ferreira Gullar que o ensaio presta: não se valer em momento algum de palavras de valorização ou de um discurso que pudesse emitir uma opinião em prol da obra. É um texto de apresentação analítica; exploratório. Explora as metáforas, explica o argumento e analisa o enredo em suas plurisignificâncias utilizando uma perspectiva a partir do marxismo e da psicanálise como chaves para uma leitura consciente. Pellegrino faz criteriosamente seu percurso de conscientização (poderíamos até dizer *insight*, com o perdão de trocadilho) justamente por que escolhe para si os limites de sua interpretação. Construindo assim uma crítica com os rigores científicos de documentação.

Um dos nomes mais importantes da crítica brasileira é o de José Guilherme Merquior. O crítico publica no *Jornal do Brasil* em novembro de 1980, um artigo chamado “A volta do poema”. Neste texto, como ele mesmo diz logo de início, procura abordar a história qualitativa da poesia brasileira, logo estabelecendo os limites do que pretende abordar. A saber: que entende como poema, para fins de seu texto, um texto lírico longo, descendente formal da velha épica. Após discorrer de um breve apanhado sobre a lírica mundial, Merquior detém-se naquilo que realmente quer abordar no seu texto, ou seja, a lírica gullariana, principalmente no *Poema Sujo*.

Os pontos altos da análise de Merquior ficam por conta de atribuições rápidas, porém contundentes, sobre a poética de Gullar. Uma “poética suja”, praticada pelo poeta é sua mola para ir além da linguagem. Esta terminologia permite que o crítico coloque de forma concisa para o leitor pontos importantes da estética de Ferreira Gullar: um poeta longe da neutralidade e que se despe de dogmas esteticistas. Entretanto, no que tange a imparcialidade que um crítico precisa cultivar em seu discurso para avaliar e expor o conteúdo artístico sob seu crivo, talvez o artigo de Merquior tenha deixado a desejar. Quando Merquior afirma que “Gullar é um François Villon participante – um César Valejo brasileiro”, não podemos deixar de pensar na constituição de um discurso hegemônico de uma literatura estrangeira. Veja bem: só podemos criticar/ analisar através de meios que de uma modo ou de outro sempre beiram a comparação, logo não é a comparação de autores que torna uma crítica fraca. A conjuntura de tentar um elogio a um autor valendo-se de outro – que o crítico há de considerar forte pela sua comparação – em combinação com suas nacionalidades sempre deixa um certo ranço étnico vazando pelo comentário e, por que não dizer, do comentador. Como se apenas a poesia latino-americana não-brasileira tivesse

força suficiente para gerar criadores de força lírica para tornarem-se marcantes. Merquior deixa uma sombra do poeta peruano sobre o poeta maranhense. Enuncia uma ligação mais por uma corrente de nacionalidade que por poéticas, influências ou semelhanças. Valho-me aqui das palavras de outro crítico, Harold Bloom, (que omito agora propositadamente a nacionalidade) que diz que apenas um poema pode explicar outro poema, logo sair do eixo literário pode gerar o desconforto de uma incerteza e uma imprecisão em termos de crítica.

O mesmo texto de José Guilherme foi posteriormente publicado no volume *Crítica 1964 – 1989*, pela Nova Fronteira, em 1990. Livro que reúne ensaios de importância na trajetória do crítico, que fornece um registro importante crítico e histórico da literatura brasileira. Não foram feitas alterações pelo autor para este texto.

Outro eminente crítico do cenário da Literatura Brasileira, Wilson Martins publicou também no *Jornal do Brasil*, em janeiro de 1981 o artigo “Um poeta político” sobre Ferreira Gullar. Percebe-se logo que o texto quer focalizar o volume *Toda Poesia* (a edição que o crítico se utiliza é provavelmente a de 1980) e a partir dele mostrar momentos da trajetória poética de Gullar. Entretanto, Wilson Martins vai direcionar seu texto para uma característica muito peculiar do poeta: sua veia política, indissociável de sua poética. Valendo-se dos intervalos entre as publicações de Ferreira Gullar, aparentes no volume de *Toda Poesia*, Wilson Martins nos mostra a relação da história do poeta e seu crescimento para explodir da linguagem. Ou, como nos diz o crítico, de artífice a artista. Permeada nessa trajetória, a veia política de Gullar salta quando “os acontecimentos políticos a partir da década de 60 foram a descarga elétrica que levou Ferreira Gullar a cristalizar-se em sua identidade de poeta”. A partir dessa afirmação, Wilson Martins nos mostra o curso da obra de Gullar nomeando poemas através do tempo e nos levando assim, a reconstituir uma trajetória de inspiração política. O ponto alto do seu balanço encontra-se na reflexão sobre a convergência do elemento sóciopolítico na obra de Gullar. Como o amadurecimento do poeta dá-se sem confusão de valores e apenas aumentando suas perspectivas literárias. O eterno e o efêmero embora associados estão distintamente compondo o universo gullariano de modo intemporal, que é marca de toda grande obra de arte. O crítico encerra de maneira concisa: “A poesia política, como o romance político, deve começar por ser grande romance e grande poesia, porque aqui não estamos no domínio das verdades e convicções, mas no campo da criação artística”.

Dentre o material disponibilizado pelo sítio de Ferreira Gullar encontramos outra resenha, essa do poeta Fernando Py, sobre o livro *Crime na flora*. Publicada no *Estado de São Paulo*, em outubro de 1986, “*Crime na flora*,

um marco na bibliografia de Gullar” inicia com um apanhado conciso da luta “corporal” de Gullar com a palavra. O que é fundamental para entender o contexto desse livro em específico, pois se trata de um texto que só veio a lume 30 anos depois de escrito. Fernando Py deixa claro para o leitor algumas das alegorias de um texto no mínimo intrigante pois, não classificável facilmente no âmbito dos gêneros literários.

Oscilando entre a narração, a descrição, a ruptura, a fragmentação, o texto de *Crime na flora* que já apontava para o concretismo antes mesmo do movimento. Fernando Py chama a atenção para o subtítulo *Ordem e Progresso* como uma alusão ao sociólogo Gilberto Freyre e também para a preocupação do poeta, expressa no prefácio, em não publicar o texto no momento que o escreveu por achá-lo muito distante de si. Segue-se uma breve análise de diversas passagens do livro, marcadas por página, com destaque para as frequentes repetições que o texto apresenta como recurso estilístico. Em tom de crítica, Fernando Py rebate possíveis acusações feitas ao texto de “gratuito” ou “alienado” ao inserir o texto de *Crime na flora* em uma vertente engajada, numa incessante busca por uma nova forma de expressão, contribuindo para ampliar o conhecimento de problemas relativos à linguagem, mais maltratada por aqueles não sabem lidar com a língua.

Em novembro de 2000, o professor Davi Arrigucci apresenta ao *Jornal de Resenhas da Folha de São Paulo* o texto “Tudo é exílio”. Apesar do caráter de resenha, o que realmente faz, em razão do livro de memórias de Ferreira Gullar *Rabo de foguete*, o texto de Davi Arrigucci alcança mais. Impossível não notar que da resenha nasce também um registro biográfico do poeta motivado – claro – pelo seu livro de memórias. Inesperado, talvez, tenha sido o rumo que o texto do professor toma, que com ares de crítica (entenda-se que a linha que divide a resenha da crítica propriamente dita é muitas vezes, como aqui, tênue, ou prescindível) avalia o livro de memórias com minúcias de romance.

O que logo se deixa transparecer são a garra e a exatidão da narrativa de Gullar, que nem por ser memória perde para a densidade usual de seus textos. O professor conclui que o poeta não passa por incauto de um gênero por ele ainda não praticado, assim como o texto memorialista. Imprime sua marca de artista também aí, pois não permite que o livro sustente-se apenas por uma necessidade de registro que sobrepuje a o do estilo. Em total acordo com as palavras de Davi Arrigucci, “logo se vê que o texto não é analítico, embora não falem reflexões pontuais sobre o processo político (...) ou mesmo sobre o significado que a poesia adquiriu para a sua sobrevivência”. O que a resenha de Davi Arrigucci coloca fundamentalmente para nós é a articulação de literatura e história. Somos levados à reflexão sobre os limites do texto histórico e sua literariedade. O que pode nos remeter, por exemplo, à leitura de Philippe Ariès. Através da leitura desse historiador podemos perceber que

ao discutir-se a relação entre literatura e história, que certos caminhos apontam para uma compreensão de ambas as áreas como constituídas de escrituras de ficção. A história seria um romance real e a literatura uma possibilidade de reencontro com o passado através da narrativa ficcional, configurando assim uma das múltiplas visões a montar o panorama de uma obra assim como *Rabo de foguete*. Nisto a leitura do professor Arrigucci é precisa quando nos mostra que:

À semelhança do que ocorreu durante o processo de afirmação do romance na tradição ocidental, quando o estatuto do que é ficcional ou histórico é bastante oscilante e por vezes intercambiável, o que se observa aqui é história de um indivíduo particular em meio às contradições e aos episódios históricos de seu tempo, sem que seja preciso lançar mão de qualquer ficcionalização propriamente dita para se chegar à forma do romance.

Constitui assim mais um texto que enriquece a fortuna crítica do poeta de um modo referencialmente analítico, contemplando a obra para entendê-la tanto no seu momento quanto no curso da História, sendo esta história biográfica e literária.

Outro artigo jornalístico que enfoca a biografia de Ferreira Gullar é o de Daniela Name, publicado no caderno *Prosa & Verso* em setembro de 2000. Em “O jovem Gullar”, Daniela Name procura fazer um brevíssimo balanço da vida de Gullar para marcar o seu aniversário de setenta anos, celebrado também com uma exposição no MAM sobre seus poemas, desenhos e originais. Pontuado com declarações do próprio Gullar sobre momentos críticos de sua vida, e de artistas de outras ambiências, como a de Adriana Calcanhoto, por exemplo, o artigo segue, veloz, velocíssimo pelo Neoconcretismo até a redescoberta do amor na vida do poeta. Tudo isso para culminar em um comentário sobre o lançamento do sítio oficial do poeta na *world wide web*. Uma mídia importante não apenas por abranger um registro conciso sobre crítica, obra, biobibliografia e iconografia do poeta, mas também por ser mais uma ferramenta para o ofício de linguagem de Ferreira Gullar. O meio midiático permitirá que o autor através de programas possa explorar de maneira visual e animada os limites da linguagem de seus textos, além de ser um meio direto para suas contribuições mais recentes – a seção “Relâmpagos” do sítio recebe escritos postados diretamente por Gullar, permitindo acesso ao que ele possa ter produzido, pensado ou comentado de mais recente.

Seguindo o percurso permitido pelo sítio de Ferreira Gullar, o último texto a que temos acesso é o Flávio Pinheiro, de maio de 1993. Uma rápida e curta resenha sobre a última publicação de Gullar no campo da arte, “Relâmpagos de poesia e arte” refere-se ao livro *Relâmpagos* onde o poeta exercita sua veia crítica em combinação com a poesia para comentar artistas plásticos e pintores de sua escolha. A resenha de Flávio Pinheiro limita-se a apresentar o livro e ressaltar rapidíssimo (um relâmpago, provavelmente devido ao espaço que lhe for a originalmente destinado) o mérito de Gullar em chamar, no livro atenção para o pintor brasileiro Emygídio de Barros.

Vejam agora algumas considerações finais a respeito da seleta que abordamos. Podemos perceber que historicamente temos uma mudança no tipo de discurso praticado pelos comentadores. As resenhas críticas feitas até o final da década de 70 têm o clima de revolta política daqueles que foram os anos mais negros da cultura brasileira. Só a partir do texto de Hélio Pellegrino, em 1979 é que percebemos um discurso que quer ser exclusivamente analítico, embora não se prive de alguns comentários breves ao regime. Já nos textos escritos a partir dos anos 80, percebe-se uma característica comum de, embora abordando historicamente a obra e o autor, ir-se abandonando pouco a pouco o protesto nas entrelinhas da resenha. Independente da natureza daquele que escreve, observa-se que a análise crítica é uma meta buscada por todos.

Outro ponto distintivo no conjunto de textos é no que concerne o tipo de escritor. Fica claro que aqueles também adeptos à linguagem como meio de expressão artística valem-se de elementos mais emotivos e imagéticos em seus discursos para poderem expressar suas idéias. Curioso observar que, também aqueles que praticam a crítica com exclusividade valem-se de elementos muito semelhantes.

Creio ser fundamental destacar os textos de Helio Pellegrino e de Davi Arrigucci. No que concernem os parâmetros ideais para compor um texto crítico, sendo o principal a busca de um discurso mais próximo da análise e da imparcialidade o possível, estes dois autores dentre a seleta parecem ter contemplado melhor estas opções. Fique claro que este destaque em nada desmerece os demais textos. A riqueza de cada texto reside no estilo próprio impresso pelo seu autor. Vamos nos remeter aos princípios depreendidos da teorização de Gilberto Mendonça Teles, que nos guiaram por este breve percurso até aqui, ao qual acrescentaremos as palavras de Harold Bloom:

É o sentido (a intenção), a organização e a natureza do processo de enunciação que determinam se o discurso é literário, científico e filosófico (TELES, 1978, p. 11).

There are no interpretations but only misinterpretations, and so all criticism is prose poetry (BLOOM,1973, p. 95).

Esperamos assim, que este texto possa ser um guia para que outros possam a partir deste, aplicar uma metodologia ao discurso científico, mais precisamente com o caráter de história ou de historiografia. Acreditamos que a ordem e os critérios aqui escolhidos possam ser utilizados como um exemplo não apenas no emprego de uma metodologia que quer ser científica, mas na escolha de outros critérios que igualmente possam constituir o mapeamento de um estudo e assim dar-lhe validade.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, P. et alii. Mesa Redonda:A história – uma paixão nova. In: _____. *A nova história*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 9-40
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 38ª ed. SP: Cultrix, 2001.
- BLOOM, Harold. *The anxiety of influence. A theory of poetry*. New York: Oxford University Press, 1973.
- DECCA, E. S. de. Literatura Modernidade e História. In: *Revista Rua*. Departamento de História da Unicamp. nº 3. Campinas: Unicamp, 1994.
- GUMBRECHT, H. U. História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida? In: OLINTO, H. K. *Histórias de Literatura*. São Paulo: Ática, 1996. p. 223-240
- HOLLANDA, S. B. de. Apresentação. In: GULLAR, F. *Toda poesia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- JUNQUEIRA, I. Gullar e a poesia social. In: _____. *O signo e a sibila*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 276-296
- _____. As vozes da noite veloz. In: GULLAR, Ferreira. *Dentro da noite veloz*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MERQUIOR, J. G. A volta do poema. In: _____. *Crítica 1964 – 1989*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 225-232
- MIGNOLO, W. Lógica das diferenças e política das semelhanças na literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: AGUIAR, F.W. e CHIAPPINI, L. (orgs). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001 p: 115-135
- TELES, G. M. Introdução a uma filosofia da História Literária. Separata da revista *Letras de hoje*. Nº 33, setembro de 1978.
- _____. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Fonte da World Wide Web:

http://portalliteral.terra.com.br/ferreira_gullar/ – Sítio oficial de Ferreira Gullar. Artigos consultados através do sítio, listados cronologicamente, como aparecem no sítio:

Relâmpagos de poesia e arte, de Flávio Pinheiro. No Mínimo, maio/ 03.

O jovem Gullar, de Daniela Name. O Globo, 2/ 9/ 2000

Tudo é exílio, de Davi Arrigucci Jr. Jornal de Resenhas, Folha de S. Paulo, 14/ 11/ 98

Crime na flora, um marco na bibliografia de Gullar, de Fernando Py. O Estado de S. Paulo, 11/ 10/ 86.

Um poeta político, de Wilson Martins. Jornal do Brasil, 17/ 1/ 81.

A volta do poema, de José Guilherme Merquior. Jornal do Brasil, 22/ 11/ 80.

Um rubi no umbigo, de Hélio Pellegrino. Revista Encontros com a Civilização Brasileira, nº 9, Rio de Janeiro, março/ 79

As marés de Gullar, de Rubem Braga. Veja, 28/ 9/ 77.

Gullar, de Glauber Rocha. Folha da Manhã. São Paulo, março/ 77

Poema sujo de vida, de Vinicius de Moraes. Manchete, 1976.